

A EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE PORTUGAL

Pequeno resumo

1-Conceito de Serviço

O termo serviço designa um tipo específico de **BEM** com características de intangibilidade, isto é, sem existência física. Distingue-se, portanto, de **PRODUTO**, o qual apesar de ser também um **BEM**, é um BEM tangível. Outra forma de caracterizar um serviço (e de o distinguir de um produto) é pelo facto deste não poder ser armazenável, isto é, apenas é possível de ser consumido no momento em que está a ser produzido.

Exemplos de serviços são as actividades de transporte de pessoas e produtos, comércio de produtos, comunicações e telecomunicações, fornecimento de energia eléctrica, apoio jurídico, apoio à gestão, actividades de educação, actividades de saúde e uma variadíssima gama de serviços pessoais, viagens e turismo. Ao conjunto de todos fornecedores os serviços é dada a designação de **sector terciário**.

2-Conceito de BEM

Do ponto de vista económico um **BEM** é algo, material ou imaterial que, quando utilizado ou consumido, satisfaz uma necessidade concreta sentida pelo homem. Uma refeição é um bem porque satisfaz uma necessidade concreta quando é consumida: neste caso a necessidade fisiológica de alimentação. Da mesma forma, o trigo é também um bem na medida em que satisfaz uma necessidade concreta quando é utilizado como matéria-prima na produção de farinha para posteriormente ser utilizada no fabrico de pão e de outros bens.

O conceito de BEM está, desta forma, directamente relacionado com o conceito de utilidade dado está não é mais do que a satisfação ou prazer que os consumidores retiram do consumo ou utilização de determinado BEM.

OS BENS classificam-se em transaccionáveis e não-transaccionáveis

3-Conceito de Bens Transaccionáveis.

Os bens transaccionáveis são um tipo de BENS que, são susceptíveis de transacção nos mercados internacionais. São exemplos de bens transaccionáveis todos os bens e serviços importados e exportados ou que, mesmo não o sendo, poderiam ser. Devido a esta característica, a oferta e os preços deste tipo de bens tem tendência a estar mais dependente das condições económicas do exterior.

4-Conceito de Bens Não Transaccionáveis

São Bens que não são susceptíveis de transacção nos mercados internacionais devido, nomeadamente, ao facto de os custos de transporte serem proibitivos face ao valor intrínseco do bem ou ao facto de estarem intimamente relacionados com a sua localização num determinado espaço geográfico sendo, por isso, apenas transaccionáveis no mercado interno. São principais exemplos de bens não transaccionáveis a maior parte dos serviços prestados a particulares, o fornecimento de bens públicos tais como o saneamento, a iluminação pública ou o fornecimento domiciliário de água, e ainda todos os bens de valor intrínseco baixo face aos seus custos de transporte.

5- A aposta de Portugal nos Bens não transaccionáveis

Da internet retirei o seguinte texto:

“Cavaco Silva, ao jornal holandês “Financieele Dagblad”, afirma, entre outras coisas, que os portugueses cometeram um erro nos últimos anos, ao apostarem excessivamente em bens não-transaccionáveis.

Tem toda a razão. Esta é uma das razões da crise portuguesa. Mas também não é novidade nenhuma. Várias são as vozes que já o afirmaram.

A questão que se coloca é se foram todos os portugueses que cometeram este erro. Ou foram apenas alguns? Ou foram uns mais que outros?

Lanço um desafio ao leitor: pensar na lista das maiores empresas portuguesas e identificar as que produzem bens transaccionáveis, as que produzem realmente alguma coisa. Pode-se começar pela lista de empresas cotadas no PSI-20.

Eu vou até mais longe: esta aposta no sector de bens não transaccionáveis por parte das grandes empresas portuguesas reflectiu-se não apenas numa não criação de riqueza, mas também, em conjugação com outros factores, numa quebra de receitas do Estado.

E tive a oportunidade de transmitir esta ideia há já algum tempo atrás num texto para o blogue Socialismo – Cultura:

Ora, o que tem acontecido do lado da receita nos últimos anos é uma redução de impostos para alguns. E este não é um fenómeno apenas nacional. Segundo os relatórios da KPMG, a taxa média de imposto sobre as empresas tem vindo a descer nos últimos anos em vários países; em Portugal baixou dos 39.6% em 1997 para os 25% em 2007 (um terço do seu valor!).

Embora esta redução até possa ter sido feita com a melhor das intenções – com a ideia de que uma redução nos impostos das empresas se traduziria em melhores resultados, que dariam origem à criação de mais emprego, a mais exportações e a mais riqueza para o país, que se traduziria em nova receita fiscal que compensaria a redução inicial de impostos –, a realidade é que, quando combinada com outros factores que se foram sucedendo no nosso país, a ideia inicial saiu gorada.

O que acontece é que durante o mesmo período, o nosso país viveu a «êxtase» dos fundos estruturais e de coesão, passámos pelo auge da política do betão, assistimos ao crescimento brutal do sector não-transaccionável e as parcerias público-privadas nasceram como cogumelos. As grandes empresas cresceram e concentraram-se em torno do sector não-transaccionável e das parcerias com o Estado. Isto quer dizer que não foi através dessas grandes empresas que as exportações cresceram, a economia não cresceu como esperado e não foi criada riqueza como perspectivado inicialmente; quando muito, gerou-se mais emprego, mas pouco mais que isso. Isto originou, obviamente, uma quebra nas receitas do Estado.

Os empresários mais abastados souberam aproveitar-se bem das condições ideais que os sucessivos governos lhes foram oferecendo, para se concentrarem no sector de bens não transaccionáveis. Beneficiaram da alienação – nalguns casos, em condições bastante vantajosas – de empresas públicas e de activos do Estado, e mesmo da convivência deste – como em diversos casos de parcerias público-privadas das quais saíram grandemente beneficiadas, enquanto todos nós fomos prejudicados.

Mas a mensagem mais importante destas declarações de Cavaco Silva é o aparentemente arrependimento pessoal do actual Presidente da República e antigo Primeiro-Ministro. É a única conclusão que é possível retirar, já que foi ele que, enquanto chefe de Governo, defendeu de forma acérrima um modelo de desenvolvimento para Portugal que passava irremediavelmente por uma terciarização da economia, com uma aposta do sector dos serviços, em prejuízo da produção de bens transaccionáveis.

Como refere Cavaco Silva, "é o momento para reparar os nossos erros". Fica-lhe bem. Mas talvez seja tarde demais."

6- Olhemos para as consequências

6.1 Evolução da balança comercial de BENS transaccionáveis.

(mil milhões de euros).

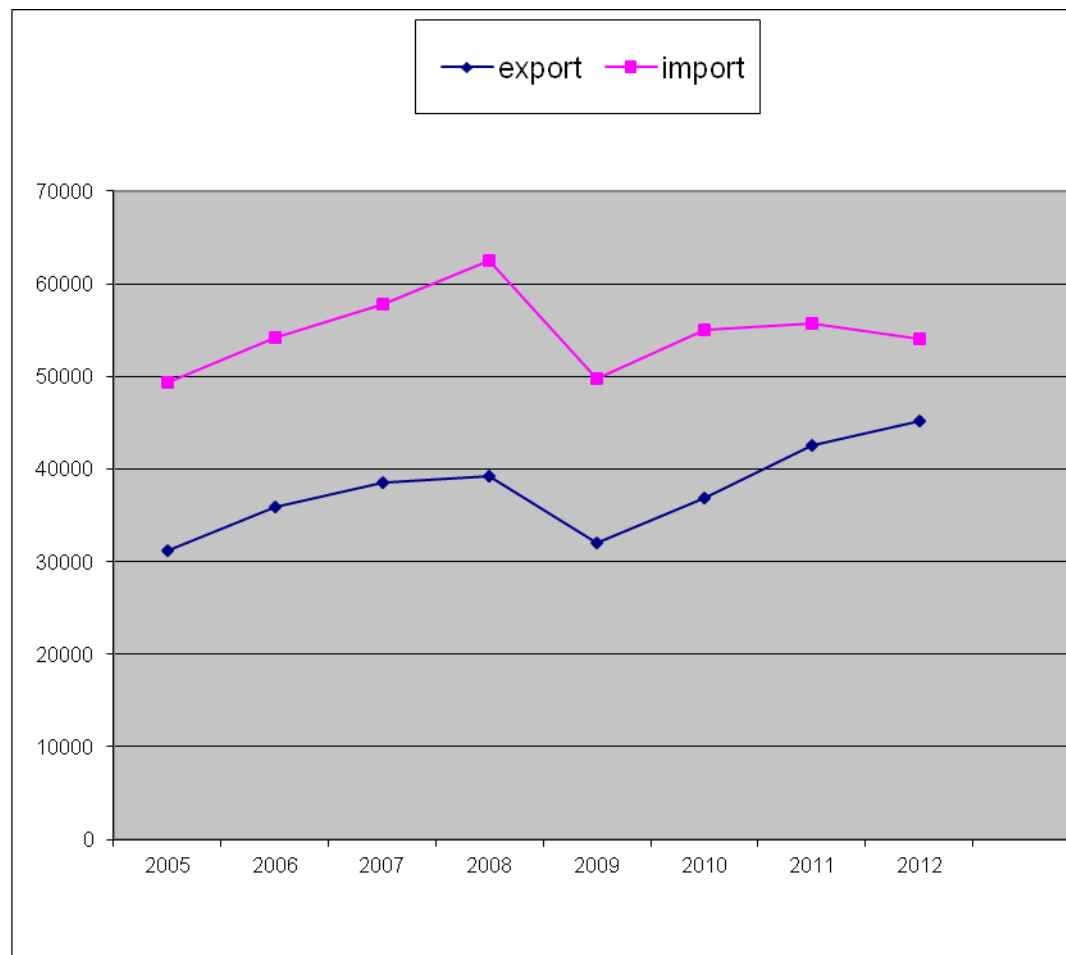


Figura.1

Como se pode ver Portugal foi no período de 2005 até 2012, sempre deficitário na comercialização internacional de BENS.

È notória a crise internacional de 2008-2009.

A partir de 2009, até 2012 as exportações de Bens tiveram um crescimento médio de 5,8% ao ano.

As importações de 2009 as importações tiveram um ligeiro acréscimo, tendo diminuído a partir de 2011.

A partir de 2009 o saldo dos BENS transaccionáveis embora negativo melhorou de cerca de 15% ao ano. O programa de ajustamento aplicado pelos credores nesta rubrica está a resultar. Resta saber da sua sustentabilidade.

6.2 Saldo da Balança comercial "Bens e serviços" de 2008 a 2012 (em mil milhões de euros)

Ministério da Economia e do Emprego – Balança de Pagamentos – 19 de março de 2013

com 55% do total importado, no mesmo período.

Comércio Internacional Português		2008	2009	2010	2011	2012	TVH (%) 2011/2012
Comércio de bens e serviços							
Exportações (fob)	Milhões EUR	57.066	48.339	54.972	62.232	64.625	3,8
Importações (fob)	Milhões EUR	73.449	60.148	67.497	68.740	64.514	-6,1
Saldo (fob)	Milhões EUR	-16.383	-11.809	-12.525	-6.508	111	...
	% do PIB	-9,5	-7,0	-7,2	-3,8	0,1	...
Comércio de bens							
Exportações (fob)	Milhões EUR	39.201	32.021	37.394	43.073	45.526	5,7
Importações (cif)	Milhões EUR	62.186	49.815	56.581	57.278	54.109	-5,5
Saldo (fob-cif)	Milhões EUR	-22.985	-17.794	-19.186	-14.205	-8.582	-39,6
	% do PIB	-0,1	-10,3	-11,4	-8,2	-5,2	...

Fonte: Banco de Portugal (Balança de Pagamentos)

Figura 2

6.3 Importação-expor de SERVIÇOS (em mil milhões de euros)

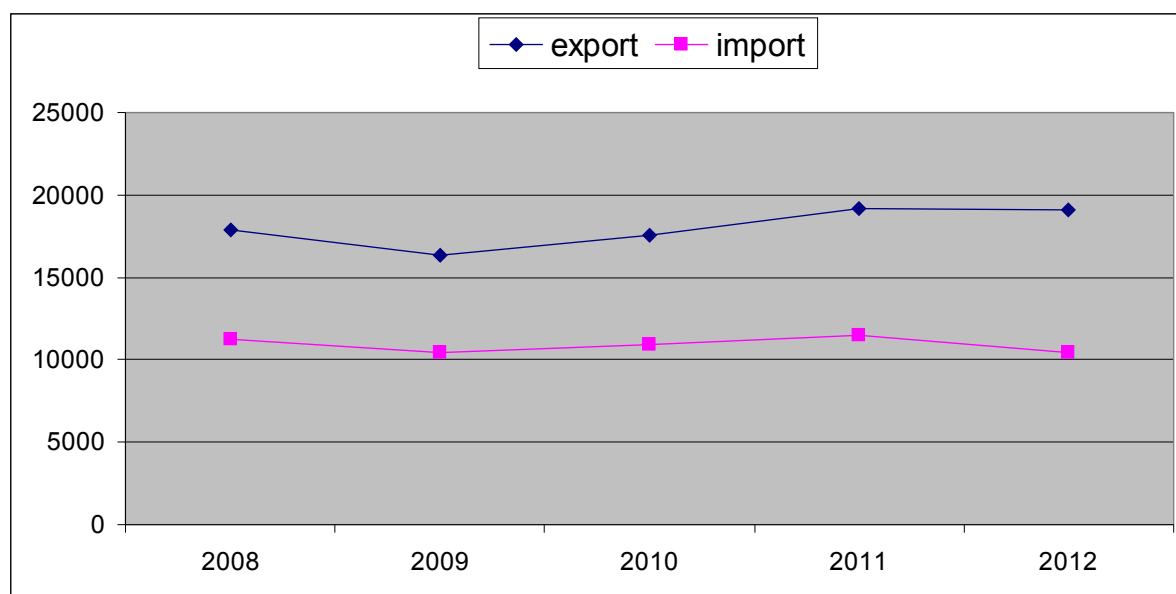


Figura 3

Capacidade (+)/Necessidade (-) Líquida de Financiamento e Saldo Externo de Bens e Serviços

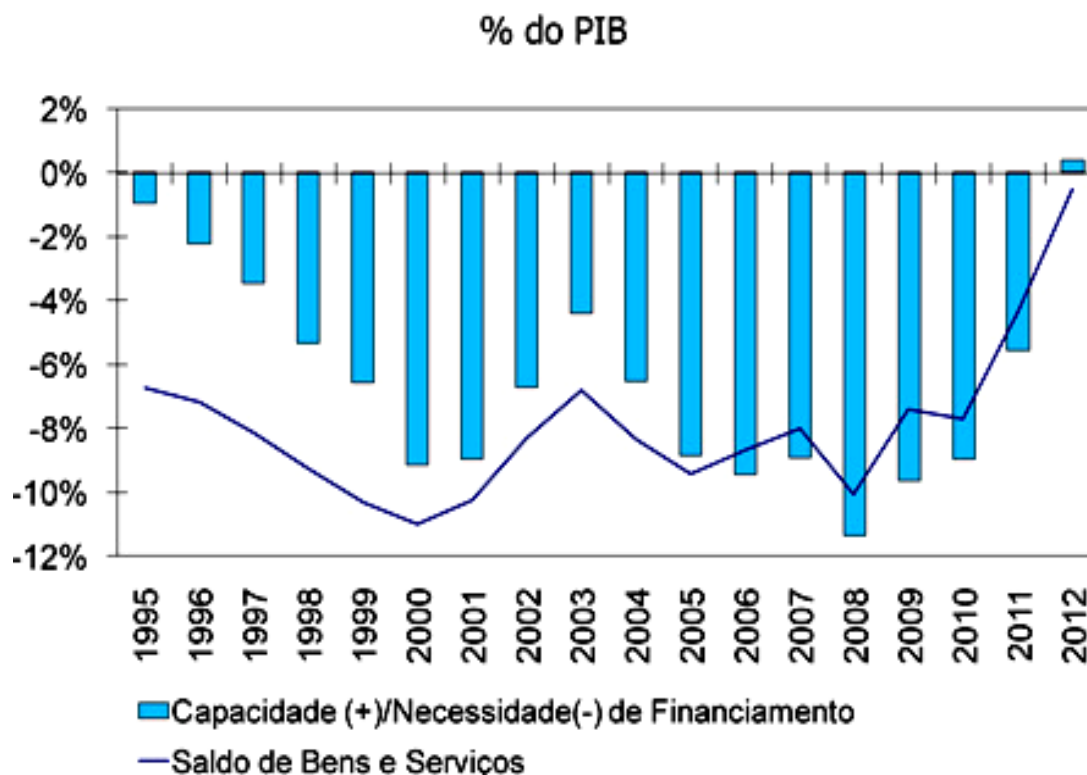


Figura 4

Nota: cenário no início de 2013

Depois de dois meses com variações negativas das exportações, as vendas de bens ao exterior regressaram ao crescimento em Abril e Maio 2013. Os dados de comércio externo, publicados pelo INE revelaram uma variação homóloga de 5,6% das exportações e uma queda de 1,6% das importações em Maio deste ano. Paula Carvalho, economista-chefe do BPI, considera que este resultado "favorece a perspectiva de que a tendência de diversificação da actividade económica se mantém, a favor dos sectores transaccionáveis, afastando receios de uma espiral recessiva".

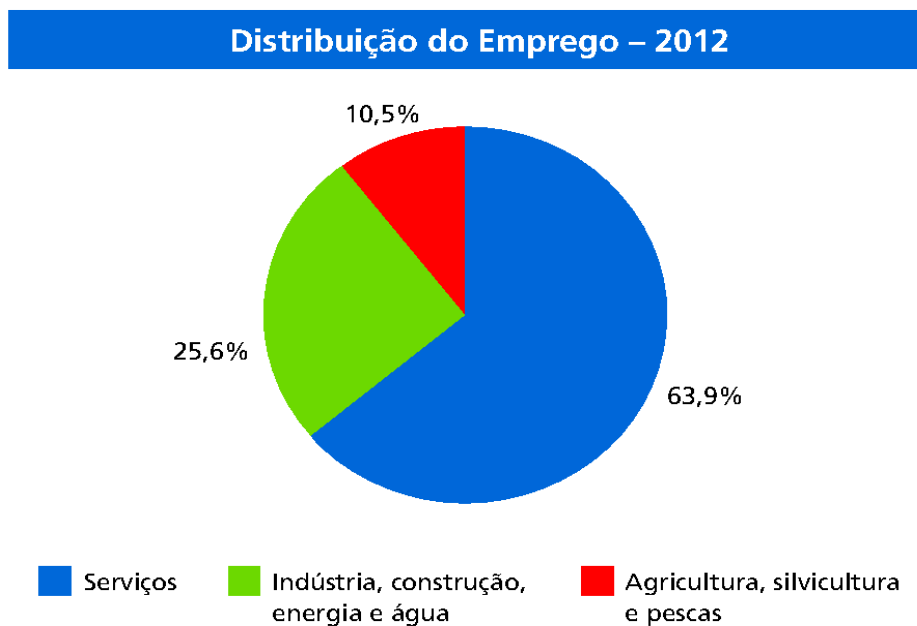
Das figuras 2,3,4, pode-se verificar que o saldo de BENS e SERVIÇOS tiveram a partir de 2008 uma performance extraordinária.

O saldo de SERVIÇOS é positivo e relativamente constante. saldo médio anual de exportação de SERVIÇOS de cerca de 7 a 8 mil milhões de euros, fundamentalmente devido ao turismo.

N sua balança comercial, Portugal exporta cerca de 30% e importa cerca de 18% de SERVIÇOS.

As exportações de BENS transaccionáveis são uma arma muito mais poderosa e segura do que as exportações de SERVIÇOS. Portugal tem se empenhar em exportar BENS, o que realmente tem vindo a acontecer.

6.4 A distribuição do emprego em Portugal



Fonte: GEE – Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e do Emprego

Figura 5

6-5 A estrutura do PIB em Portugal

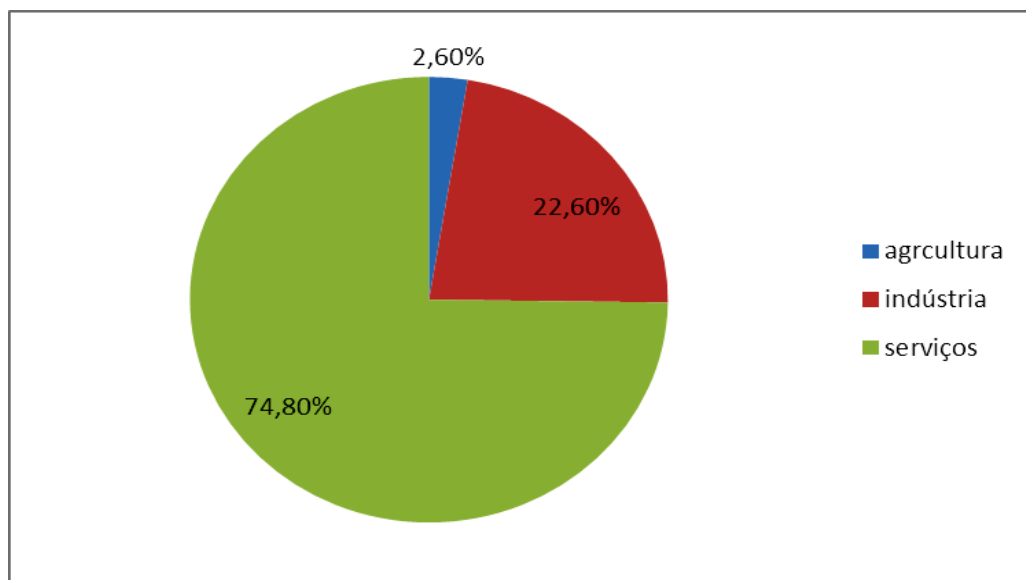


Figura 6

6-6 A estrutura do PIB na Alemanha

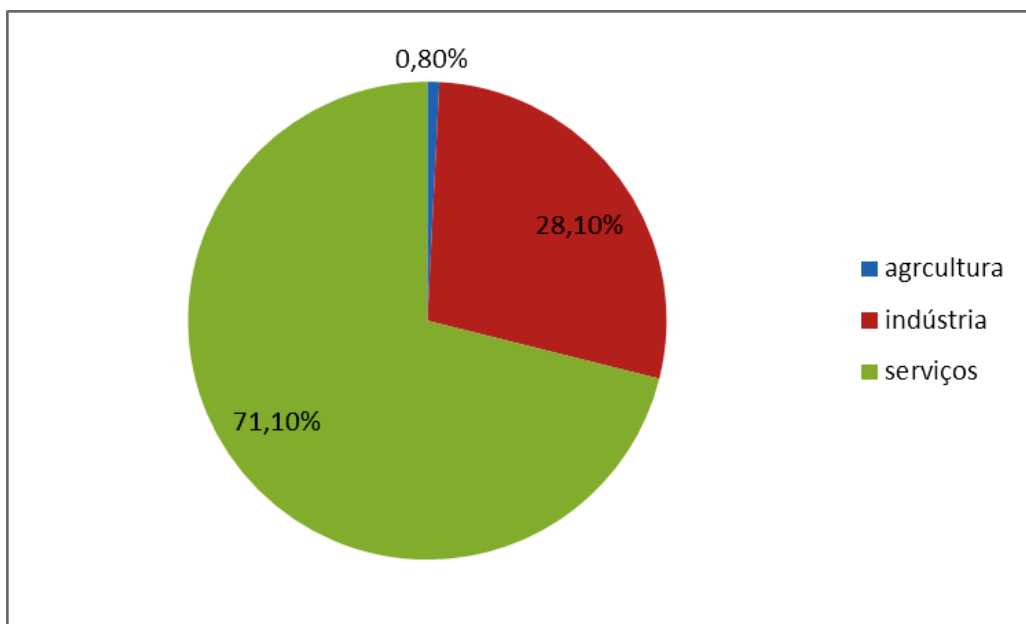


Figura 7 (fonte internet)

Embora a estrutura do PIB entre a Alemanha e Portugal sejam semelhantes, a produtividade e os BENS de alto valor acrescentado e a dimensão do mercado devem explicar a grande diferença entre as duas economias.

6.5- BENS exportados por Portugal em 2011 e 2012

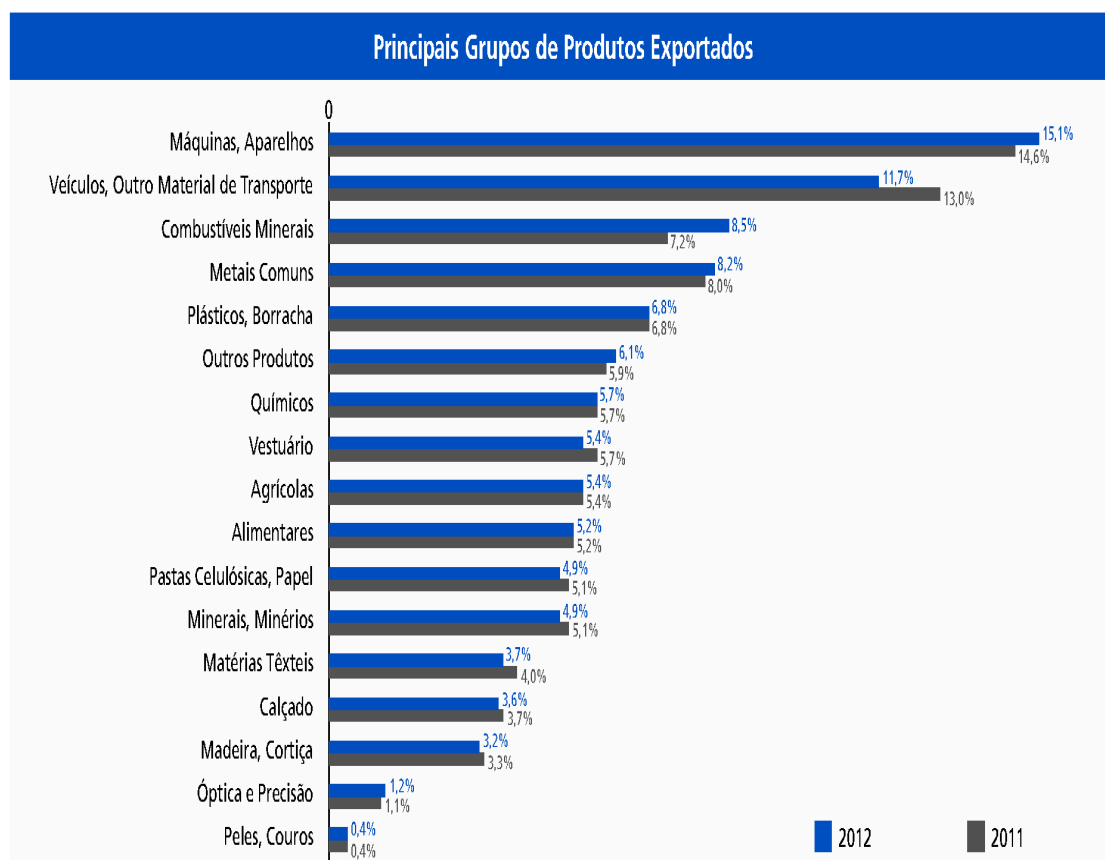


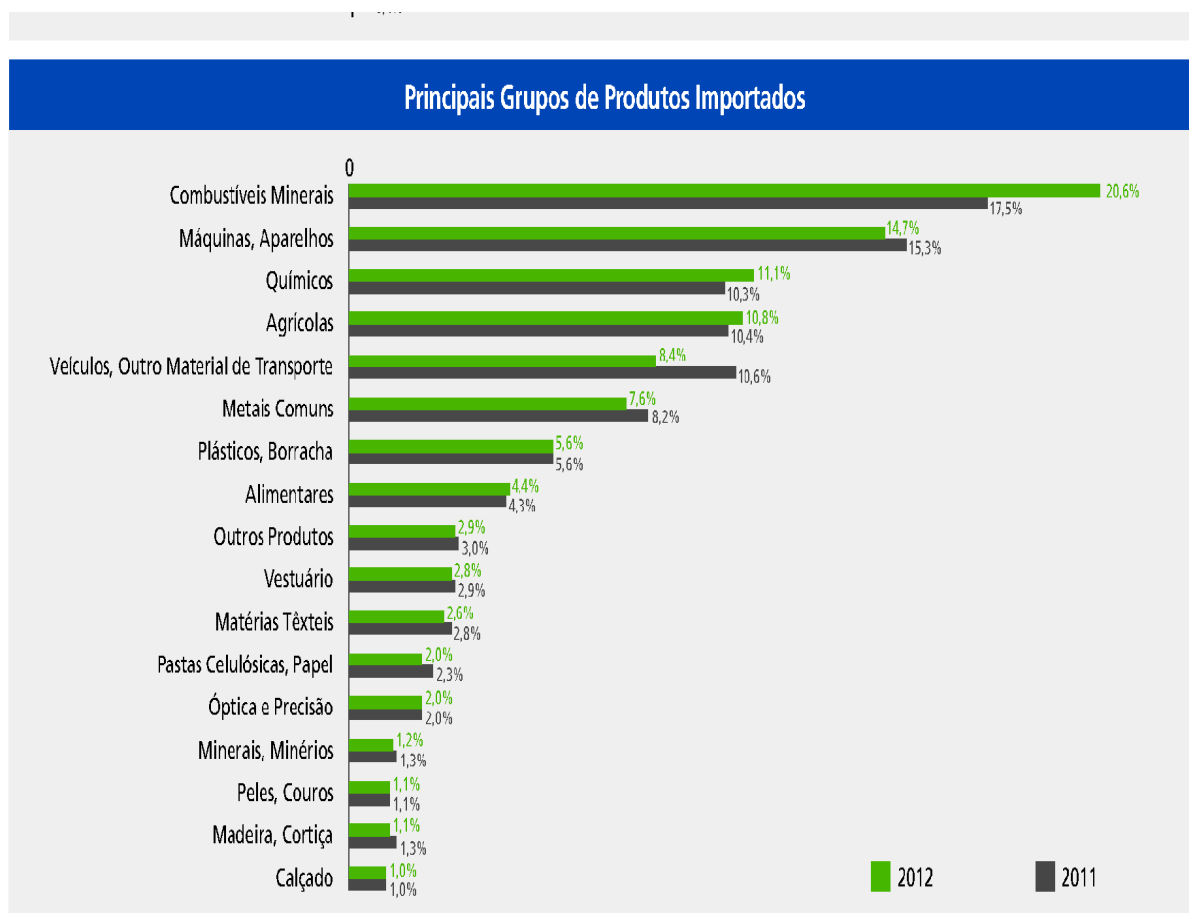
Figura 7

Da figura 7 podemos verificar que entre 2011 e 2012, o ano de 2012 piorou de forma significativa nas exportações de BENS:

- Material de transporte (crise automóvel)
- vestuário e matéria têxteis .
- pastas celulósicas e papel.

A recessão internacional, foi a causa (?)

6.6 BENS importados por Portugal em 2011 e 2012



Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, E.P.E. – Av. 5 de Outubro, 101, 1050-051 LISBOA

7

Figura 8

6.7 Saldo do comércio de BENS de Portugal em 2012

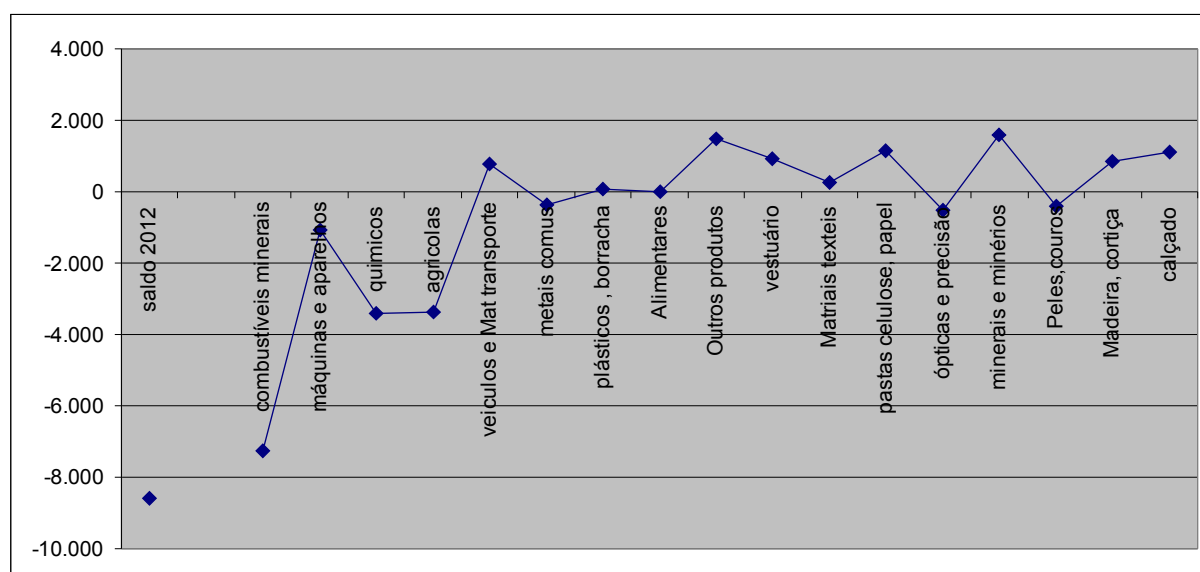


Figura 9

Das figuras 7,8,9 podemos verificar que entre 2011 e 2012, o ano de 2012 piorou de forma significativa nas importações de BENS:

- Combustíveis (devido a seca extrema produção de energia eléctrica via térmica)
- Químicos.
- agrícolas (mau ano agrícola, seca)

De ambas as figuras 7 e 8, podemos concluir que Portugal é altamente deficitário em:

- Combustíveis minerais. Não temos petróleo!!!!
- Químicos. Provavelmente por estes produtos estarem na posse das grande multinacionais e o mercado português por ser muito pequeno não deve justificar a montagem de unidades de fabrico (?).
- Agrícolas. Temos que nos virar para uma nova agricultura, de maior valor acrescentado.

Gabriel leite ,Julho 2013-07-18